

Colocações do Diego Perri sobre a importação do camarão da Argentina

De: Diego Perri [mailto:diego@vivendadocamarao.com.br]

Enviada em: sexta-feira, 10 de agosto de 2012 20:05

Para: Atila Maia da Rocha; roubach@mpa.gov.br; Margaret Cabral; Estevão Campelo

Cc: ouvidoria@agricultura.gov.br; gm@agricultura.gov.br; acsgm@agricultura.gov.br; derli.dossa@agricultura.gov.br; jose.gasques@agricultura.gov.br; irineu.santos@agricultura.gov.br; celio.porto@agricultura.gov.br; jean.cury@agricultura.gov.br; decex.gabin@mdic.gov.br

Assunto: Reserva de mercado de Camarão

Prezados Átila e demais nobres Srs. copiados neste e-mail, boa noite!

Nos últimos anos temos percebido um enorme lobby político feito pelos criadores de camarão, com o objetivo de evitar a qualquer custo a liberação das importações de camarão ao Brasil.

Infelizmente essa força política que as associações dos criadores de camarão têm, conseguiu até o momento manter essa barreira de importação, fazendo com que os produtores locais tenham sua reserva de mercado garantida sem nenhuma concorrência.

Como são poucos os criadores de camarão, a oferta de camarão é muito menor do que a demanda, e com isso eles se sentem livres para cobrarem os valores que bem entendem, já que não existem concorrentes.

Como consequência, os preços do camarão praticados no mercado brasileiro, são em média quase o DOBRO do valor comercializado em todo o resto do mundo! –

As falsas justificativas sanitárias são um pretexto mentiroso dos criadores de camarão, e que podem ser devidamente provados como falsos, para tentarem manter os altíssimos lucros obtidos no mercado interno sem concorrentes.

Países como Equador exportam o camarão para o mundo todo, inclusive com certificados sanitários que garantem e atestam que os mesmos se encontram dentro dos padrões sanitários exigidos pelos países europeus, americanos e orientais com aos mais altos padrões de exigência sanitária. Total garantia de produto livre de qualquer tipo de risco.

Não obstante às informações acima, vale ressaltar que há muitos anos atrás, quando o mercado era aberto e livre, com as devidas concorrências, o Brasil era um grande exportador de camarões, mas hoje infelizmente, com o fechamento do mercado, a produção inteira fica voltada para o mercado interno, pois os preços praticados pela falta de concorrência são absurdamente mais altos, disponibilizando lucros altíssimos aos poucos criadores de camarão, prejudicando a população inteira que é obrigada a pagar preços completamente absurdos pelo camarão. **(O preço do camarão praticado no Brasil é o mais caro do mundo, e a diferença não é pequena! Estamos falando do dobro do valor em comparação com o mundo inteiro!!).**

Além disso, deve-se somar aos problemas como consequência desse fechamento de mercado:

1 - Enorme desemprego gerado por causa dos altíssimos custos do camarão no Brasil. Empresas como a própria Vivenda do Camarão já fechou 6 lojas no exterior e deixou de exportar produtos de alto valor agregado, pois o custo do camarão no Brasil inviabilizava a concorrência no mercado externo que paga quase metade do valor pela mesma matéria prima. Novos restaurantes e investimentos na área de pescados não são feitos, pois o produto fica restrito a um número pequeno de consumidores devido ao custo alto, gerando novamente desempregos.

Dezenas de milhares de empregos deixam de ser gerados, tanto no mercado de auto serviço, quanto em restaurantes, feiras, peixarias, exportações etc...

Vivenda do Camarão registra crescimento expressivo na região Sudeste

Nos últimos dois anos foram inauguradas 31 lojas

A Vivenda do Camarão (São Paulo/SP) – rede de frutos do mar – anuncia crescimento representativo na região Sudeste. Atualmente, a rede possui 98 unidades nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Cerca de 30 novos restaurantes foram abertos nos últimos dois anos.

Segundo o sócio diretor, Rodrigo Perri, a rede vem apresentando crescimento constante em todo o território nacional, principalmente em cidades com amplo potencial de mercado. “Até dezembro, a Vivenda abrirá mais doze unidades no Sudeste, além de outros restaurantes nos demais estados do país. Também estamos buscando novos franqueados para diferentes cidades como Volta Redonda, no Rio de Janeiro”, revela.

Fonte: AI, adaptada pela equipe feed&food.

Vivenda do Camarão registra crescimento de 7% no primeiro semestre do ano



Vivenda do Camarão – primeira rede de frutos do mar do país – anuncia um crescimento de 7% em número de unidades

em relação ao mesmo período do ano passado. A expectativa é de que o crescimento no segundo semestre seja de 10%. No primeiro semestre, a rede inaugurou nove restaurantes em diferentes estados brasileiros como Rio de Janeiro, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Pará e uma unidade em Santo Domingo, na República Dominicana.

Vivenda do Camarão estima um crescimento de 27%

São Paulo - A Vivenda do Camarão registrou crescimento de 27% em 2008 em número de unidades. Ao todo, a empresa inaugurou 18 lojas durante o ano e conquistou novas praças, como Maringá (PR), Bauru (SP) e Joinville (SC).

Camila Abud

2- Diminuição das exportações brasileiras.

Quando existia o livre comércio de camarão no Brasil, além da exportação do próprio camarão, havia também a exportação do produto com valor agregado (com alta geração de emprego e renda), como pratos prontos elaborados, e que não existem mais devido a esse fechamento de mercado.

3- Elitização do camarão.

Com a abertura do mercado, e a vinda de camarão a preço justo, a população mais simples terá condições de consumir um produto saudável e considerado nobre, pois os preços serão mais acessíveis a todos, e assim o camarão não será mais um produto exclusivo das elites.

4- Ajuda na redução do índice de inflação.

Com a livre concorrência, todos serão obrigados a diminuir suas margens de lucro altíssimas, e a trabalhar com preços justos, e assim o mercado inteiro de pescados terá condições de reduzir custos, ajudando a manter os índices de preços favoráveis a uma inflação baixa.

5 – Ajuda a preservação do meio ambiente brasileiro. Com a reserva de mercado brasileira e a inexistência de concorrentes, os lucros das fazendas são tão altos, que eles tentam expandir o mais rápido possível, passando muitas vezes por cima das questões ambientais, e causando um enorme dano ao meio ambiente com a destruição de mangues nas regiões das fazendas de camarão.

Após muito tempo lutando para tentarmos criar um mercado livre que possa disponibilizar preços justos do camarão no Brasil com as importações, recebemos na semana passada a informação de que a importação do camarão da Argentina havia sido liberada através de um acordo político feito entre as duas presidentes, o Ministério da Agricultura e do Comércio Exterior!

Imediatamente ao saberem da informação, mais uma vez, os criadores de camarão viram suas altíssimas margens de lucros em risco, pois teriam concorrentes no mercado, e com isso fizeram novamente um forte lobby essa semana, para evitarem essa concorrência, e assim conseguirem manter sua reserva de mercado e suas margens de lucros absurdas!

Para nossa surpresa e total indignação, recebemos a informação de que eles haviam novamente conseguido esse bloqueio injusto e prejudicial ao país, através das influências políticas que as Associações de Criadores de Camarão têm.

Baseado em todas as informações acima, e por saber que existe um acordo entre os dois países, achamos um total absurdo esse bloqueio com o nítido objetivo de beneficiar poucos em detrimento do bem maior ao país!

Como pode, um país como o Brasil, se ver refém de alguns poucos criadores de camarão, que conseguem através de influências políticas, passar por cima de acordos realizados entre as presidentes de dois dos maiores países do Mercosul, e ter seu mercado prejudicado por causa desses poucos, porém influentes criadores de camarão??

Vamos aceitar que o país seja prejudicado por poucos criadores de camarão, e com isso tenhamos enormes prejuízos para toda uma população?? Com a perda de milhares de empregos, prejuízos ao meio ambiente, descumprimento de acordo comerciais entre países etc???

Até quando vamos ter que aceitar esse tipo de absurdo em nosso país!?!?

Precisamos dar um basta nisso urgentemente, pois o Brasil e sua população são os maiores prejudicados por esses absurdos causados em troca de benefícios de poucos criadores de camarão que visam somente manter suas altíssimas margens de lucros!

Esperamos contar com o apoio do nosso nobre Ministério da Agricultura, para acabarmos com este sério problema causado pelos criadores de camarão, permitindo uma livre concorrência e beneficiando o país como um todo, e não apenas o interesse de pequenos grupos que só pensam em manter seus altíssimos lucros.

Certos de sua compreensão e envolvimento no caso me coloco inteiramente a disposição para maiores esclarecimentos,

Atenciosamente

Diego P. Perri | Sócio Diretor

Fone: (11) 4613-2642 | Fax: (11) 4613-2610

diego@vivendadocamarao.com.br

www.vivendadocamarao.com.br

Ao Ministro Marcelo Crivella, o Secretário Executivo do MPA, Átila Maia e a Secretária Maria Fernanda.

Ao cumprimentar Vossa Excelência e os nobres Secretários acima nominados, dirigimos-lhes esta comunicação para comunicar que ao tomar conhecimento dos inusitados e insensatos comentários do Sr. Diego Perri, representante da Vivenda do Camarão, encaminhados ao MPA, nos sentimos na obrigação de contrapor às infundadas afirmações ali contidas, as quais se resume a meros interesses comerciais, em realidade, de pura defesa de seu negócio, sem qualquer preocupação com os reais interesses do Brasil e dos cerca de 70.000 empregos gerados pelo setor carcinicultor.

Não há na sua argumentação um só ponto que denote um posicionamento a favor do país onde esta instalada a sua empresa. Prevalece o egoísmo do empreendedor. Esse mesmo Empreendedor que fugindo da responsabilidade e do desafio de produzir camarão no Brasil, vendeu sua fazenda de camarão da Bahia e, mesmo sem nunca ter importado 1 (hum) só quilo de camarão, registrou um crescimento de 25%/ano, nos últimos, comparado com um crescimento negativo de quem produz, vende camarão, gera emprego e oportunidades de negócios no Brasil.

Que um empresário brasileiro tome a iniciativa de proteger os seus empreendimentos comerciais ante a concorrência nacional e internacional, que se aguça com o passar do tempo, é perfeitamente compreensível e aceitável. O que não se pode admitir, ou não se deveria, é que, para isso, use uma versão distorcida e simplória de um setor produtivo nacional ao fundamentar sua argumentação, como o caso da carcinicultura marinha brasileira, e tome o precioso tempo de autoridades governamentais com sofismas e inverdades que, quando muito, podem ser classificados de tentativa de dolo ao país.

Vossas Excelências sabem, melhor do que nós, produtores e processadores de camarão cultivado ou extrativo, que a proteção da nossa indústria e dos nossos crustáceos nativos encontra respaldo e sustentação, em evitar e introdução de enfermidades infecciosas de impacto econômico, as quais, no caso do cultivo de camarão marinho e na produção extrativa de lagostas, têm causado e continuam causando prejuízos de dezenas de bilhões de dólares americanos e milhares de empregos, em vários países produtores. Essa afirmação tem como base o Laboratório de Referência da Organização Internacional de Epizootias (OIE), sob o comando do Dr Donald Lightner (Universidade do Arizona-USA), um dos mais renomados cientistas em doenças de camarão, de todo o mundo.

Além disso, é do conhecimento do MPA, que tão logo a presença dessas doenças devastadoras se constituiu ameaças ao Brasil, principalmente as de origem viral, oportunamente o Ministério da Agricultura (MAPA), emitiu a

Instrução Normativa Nº 39/1999 que proíbe a importação de crustáceos de qualquer tipo e origem. A prova mais evidente da demonstração de que o MPA/Brasil agiu acertadamente e que o motivo foi a defesa sanitária, está no fato de que transcorridos mais de dez anos da implantação da referida medida pelo MAPA, o recém criado MPA, emitiu a IN 14/2010, mantendo as mesmas salvaguardas. Por outro lado, em todos esses anos (13) de controle sanitário na importação de crustáceos pelo Brasil, nunca houve reclamação ou protesto em qualquer fórum regional (MERCOSUL) ou internacional (OMC), do qual o nosso país é membro.

A carcinicultura nacional, como é do conhecimento de Vossas Excelências, encontra-se neste momento em pleno processo de reativação, depois de sofrer baixas com a ação antidumping imposta pelos Estados Unidos ao camarão de vários países, em 2004, entre eles o Brasil, e com a seqüenciada desvalorização cambial sem que houvesse compensação financeira ao setor, tal como ocorreu nos outros países afetados pela medida norte-americana. No auge da produção, em 2003, a carcinicultura chegou a produzir 90.360 t, das quais 58.450 t/US\$ 226,0 milhões foram exportadas. A partir de 2004, sentindo os efeitos do dumping, o camarão brasileiro de cultivo foi redirecionado para a Europa, mas logo em seguida, devido a política cambial, o nosso produto perdeu competitividade no âmbito das transações internacionais das *commodities* entrando no acelerado processo de perda de mercado exterior.

Diga-se de passagem, e o Sr. Diego Perri sabe disso, que o camarão brasileiro adquiriu prestígio tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, notadamente na França, mercados exigentes, pela sua qualidade derivada do esforço direcionado que foi feito no âmbito nacional da produção e processamento para que o produto final se mantivesse dentro dos parâmetros ambientais e sociais no seu cultivo, exigidos pelos países importadores.

Hoje, com um nível de produção anual da ordem de 70.000 t, depois dos ajustes realizados pelo setor produtivo para atender o consumidor brasileiro, o camarão cultivado aqui produzido conquistou o mercado interno e abastece 100% de seu consumo.

Tomamos um pouco mais de tempo de Vossas Excelências e por isso pedimos desculpas, mas alguns aspectos dos comentários feitos pelo representante da Vinda do Camarão merecem algumas reflexões para que não turvem a verdade dos fatos.

Dizer por exemplo que estamos deixando de criar empregos no Brasil pelo fato de proibir as importações de camarão é realmente extravagante. Será que o representante da Vivenda do Camarão não sabe que, quando importamos algo, principalmente do setor primário da economia, que em geral emprega

trabalhadores menos qualificados, estamos proporcionando ao país exportador, além de divisas, geração de empregos diretos e indiretos na produção e no processamento ou industrialização do produto? Portanto, ao manter a proibição das importações, além da proteção sanitária ao camarão brasileiro, na verdade o Brasil está permitindo a manutenção de dezenas de milhares de emprego e a criação de novas oportunidades de trabalho, e o que é importante, na maioria absoluta para trabalhadores rurais de baixa qualificação profissional.

Já tivemos oportunidade de informar a Vossas Excelências e pedimos licença para repetir por estar no contexto da caracterização do setor, que estudo realizado pelo Departamento de Economia da UFPE encontrou o camarão cultivado como a atividade do setor primário da economia nordestina que mais gera emprego por área trabalhada. Com 3,79 empregos diretos e indiretos/ha, o camarão cultivado bate a uva irrigada do São Francisco, até então a maior geradora relativa de emprego rural por unidade de área da Região Nordeste.

Na sua argumentação, insiste repetidamente o Sr. Diogo Perri que são muito poucos os produtores de camarão no Brasil e deixa a entender que não deveriam ser considerados. O setor da carcinicultura brasileira nunca escondeu suas cifras. Ao contrário, é o único segmento da aquicultura nacional que realiza censos periódicos para manter os órgãos públicos informados de sua dimensão e de suas características sociais e para respaldar seus planos e projetos de desenvolvimento ante a sociedade e o governo. Portanto, as entidades governamentais conhecem a dimensão, a composição e a estrutura da carcinicultura nacional e não precisam de informantes sem bases e com a pretensão descabida de caracterizá-la.

No contexto precedente, vale a pena aqui recordar a Vossas Excelências uma das características ímpar da carcinicultura marinha que, por seus sistemas de produção intensiva e semi-intensiva e boa lucratividade em áreas relativamente pequenas, se ajusta como uma luva para a inclusão social no campo com a incorporação da pequena unidade de produção. Prova incontestável disso está nas estatísticas do setor quando revelam que 75% dos produtores de camarão cultivado estão classificados na categoria de micro e pequenos.

O representante da Vivenda do Camarão insiste ainda em afirmar que o negócio do camarão está gerando altíssimos lucros para os produtores em detrimento do consumidor brasileiro. O questionamento que poderia ser feito ao Sr. Perri, para uma explicação plausível a Vossas Excelências é, se o cultivo do camarão é tão bom negócio, porque foi fechada a fazenda de camarão de sua propriedade, responsável pela produção da matéria prima que sustenta o seu empreendimento comercial?

Itamar Rocha, Presidente da ABCC

Caro Itamar,

No meu entendimento, a entrada de camarão no Brasil, com grande probabilidade de infecção por WSSV, além de atender a interesses específicos da Vivenda do Camarão, não tem nenhuma outra justificativa. Como havia dito em e-mail anterior, todo o camarão de captura argentino vem sendo colocado sem problemas no mercado japonês, como havia relatado anteriormente (ver: www.globefish.org, Asian shrimp, october 2012). Insisto, ainda, em qual será o impacto desse vírus em populações selvagens de crustáceos nativos do Brasil? Estou finalizando um levantamento bibliográfico sobre o tema, mas adianto a informação abaixo. O WSSV causa mortalidades de até 100% em lagostas do gênero *Panulirus*. O que o setor lagosteiro acha disso? Na quarta-feira, apresentarei um acervo maior de informações sobre esse tema. Feliz Natal para todos. Hiran Costa.

Experimental transmission and tissue tropism of white spot syndrome virus (WSSV) in two species of lobsters, *Panulirus homarus* and *Panulirus ornatus*.

Abstract

The susceptibility of two species of lobsters, *Panulirus homarus* and *Panulirus ornatus* to white spot syndrome virus (WSSV) was tested by oral route and intramuscular injection. The results revealed that these lobsters were as highly susceptible as marine shrimp when the WSSV was administered intramuscularly. The WSSV caused 100% mortality in both *Panulirus homarus* and *Panulirus ornatus*, at 168 and 120 h, respectively, after intramuscular injection and failed to cause mortality when given orally. The presence of WSSV in moribund lobsters was confirmed by single-step and nested PCR, Western blot, histology, and bioassay test. It was found in eyestalk, gill, head muscle, tail muscle, hemolymph, appendages, and stomach. In lobsters with oral route infection, all tested organs except stomach and head muscle was negative for WSSV by nested PCR at 120 h post-inoculation. The stomach and head muscle was positive by nested PCR at 120 h p.i., but negative at 168 h p.i. Western blot analysis was negative in all the tested organs of both species of lobster at 120 h post-inoculation by oral route.

A IMPORTAÇÃO DE CAMARÃO ARGENTINO IRÁ AFETAR POPULAÇÕES NATURAIS DE LAGOSTAS NO BRASIL!

O presente documento tem por finalidade alertar os setores aquícola e pesqueiro nacionais sobre os riscos de importação sem controle de pescado de diversas origens para o território brasileiro, com enfoque especial na possível importação do camarão selvagem *Pleoticus muelleri* da Argentina.

Recentemente, 4 artigos científicos publicados no renomado periódico *Journal of Invertebrate Pathology*, da Editora Elsevier, têm apresentado uma série de críticas ao comércio de crustáceos sem nenhum tipo de regulação, o que resulta na introdução de patógenos que se disseminam nos diversos recursos hídricos de diversos países, contaminando populações naturais de crustáceos nativos, impactando, conseqüentemente, de forma negativa na produção pesqueira.

Os artigos mais recentes intitulados: *Transboundary movement of shrimp viruses in crustaceans and their products: A special risk?* Jones, B., 2012. *Journal of Invertebrate Pathology*, 110: 196-200, e *Disease will limit future food supply from the global crustacean fishery and aquaculture sectors*. Stentiford, G.D. et al., 2012. *Journal of Invertebrate Pathology*, 110: 141-157, fazem um sério alerta sobre o impacto de doenças virais na produção pesqueira de crustáceos e em alguns setores da aquicultura.

Os autores revelam que esse comércio indiscriminado tem causado perdas anuais ao setor de U\$ 3 bilhões e que o WSSV, endêmico da Ásia, tem infectado populações naturais de caranguejos na Europa, afetando comunidades tradicionais de pescadores localizadas no Mediterrâneo.

Os autores fazem ainda críticas aos Países, como a Argentina, que tem casos de WSSV e não comunicam a OIE. Nesse artigo, os autores citam a Argentina como um País onde a presença do WSSV está cientificamente comprovada, mas os órgãos de controle não fazem a notificação oficial e obrigatória a OIE. Essa crítica é reforçada no artigo intitulado *Global transboundary disease politics: The OIE perspective*. Lightner, D.V., 2012. *Journal of Invertebrate Pathology*, 110: 184-187.

Em um quarto artigo intitulado *Diseases of commercially exploited crustaceans: Cross-cutting issues for global fisheries and aquaculture*. Editorial, 2011. *Journal of Invertebrate Pathology*, 106: 3-5, faz-se um relato sobre o pouco conhecimento dos agentes patogênicos que afetam populações naturais de crustáceos e que pela primeira vez a Europa criou instrumentos legislativos com o intuito de proteger o estado sanitário de populações naturais e cultivadas de crustáceos dos Países Membros da Comunidade Europeia. Toda a legislação e as implicações para as nações exportadoras e importadoras estão descritas no artigo intitulado *Crustacean diseases in European legislation: implications for importing and exporting nations*. Stentiford, G.D. et al., 2010. *Aquaculture*, 306: 27-34.

Resumidamente, esses artigos sugerem que os Países importadores reduzam ao máximo as importações de crustáceos de Países onde há a ocorrência de viroses, em especial o WSSV, e invistam significativamente na formação de centros de diagnósticos de enfermidades em organismos

aquáticos nas regiões produtoras. Essas recomendações são reforçadas no artigo intitulado *International and national biosecurity strategies in aquatic animal health*. Oidtmann, B.C. et al., 2011. *Aquaculture*, 320: 22-33.

A síndrome da mancha branca é considerada a principal doença viral que afeta as diversas espécies de crustáceos e o organismo causador tem sido identificado como o vírus da síndrome da mancha branca (WSSV). Esse vírus tem causado perdas superiores a U\$ 10 bilhões na última década à indústria aquícola, contudo seu impacto nas pescarias de crustáceos ainda é totalmente desconhecido e merece ser alvo de estudos científicos.

É amplamente conhecido que além de camarões, o WSSV tem sido detectado em 41 espécies de caranguejos e em pelo menos 14 destas espécies, o WSSV tem sido encontrado em estoques naturais. O artigo intitulado *Viral diseases in commercially exploited crabs: a review*. Bonami, J.R. et al., 2011. *Journal of Invertebrate Pathology*, 106: 6-17, faz várias considerações sobre a disseminação do WSSV através de processos de importação e contaminação de populações de crustáceos em zonas onde o WSSV não é endêmico.

Até o presente, populações naturais de lagostas espinhosas não têm sido diagnosticadas com o WSSV, contudo experimentos *in vivo* de infecção de lagostas do gênero *Panulirus* por WSSV têm demonstrado o poder letal desse patógeno nesses crustáceos. O artigo intitulado *Experimental transmission and tissue tropism of white spot syndrome virus (WSSV) in two species of lobsters, Panulirus homarus and Panulirus ornatus*. Musthaq, S.S. et al., 2006. *Journal of Invertebrate Pathology*, 93: 75-80, apresenta evidências que essas espécies de lagostas, quando infectadas intramuscularmente com o WSSV, apresentam 100% de mortalidade em um período máximo de 7 dias.

Contudo, mais grave é o caso descrito no artigo intitulado *Susceptibility to infection and disease in juvenile European lobster (Homarus gammarus) fed high- and low-dose White Spot Syndrome Virus (WSSV) infected shrimp products*. Bateman, K.S., et al., 2012. *Dis. Aquat. Org.*, 100: 169-184, em que camarões infectados coletados em supermercados do Reino Unido foram utilizados como alimento em experimentos de infecção de lagostas por WSSV. No experimento, lagostas alimentadas com camarões infectados apresentaram 55% de mortalidade em um período de 6 dias, sendo que pelo menos 80% estavam infectadas por WSSV quando analisadas por PCR.

O fato é que esse tema somente vem sendo mais amplamente discutido nos últimos 3 anos, devido às contaminações de crustáceos nativos da Europa pelo vírus WSSV que é endêmico da Ásia. Portanto, a Análise de Risco de Importação que autorizou a importação do camarão argentino foi extremamente prematura e inconsequente.

Sem nenhum tipo de desmerecimento a Equipe que elaborou o ARI, nenhum dos membros (verificado por consulta do Currículo Lattes do CNPq) tem experiência com vírus que contaminam crustáceos e suas rotas de transmissão em ecossistemas aquáticos. Nenhum esclarecimento foi feito sobre a variante viral presente nos crustáceos argentinos e qual impacto que essa variante teria nas diversas espécies de crustáceos existentes no litoral brasileiro, desde crustáceos explorados por populações ribeirinhas como os

siris e caranguejos até os crustáceos explorados industrialmente como os camarões e as lagostas.

Desta forma, ao invés de simplesmente se produzir um ARI propondo a importação do camarão argentino, o MPA deveria apoiar o aumento da produção de camarão cultivado no Brasil e atuar na desoneração do custo de produção dessa *commodity*, atendendo assim a uma possível demanda insatisfeita existente no Brasil. Como já evidenciado em uma comunicação anteriormente realizada, o camarão argentino tem sido comercializado quase que integralmente nos mercados Europeu e Japonês, não havendo nenhuma necessidade do comércio desse produto no Brasil.

Atenciosamente,

Hiran Costa, Eng^o de Pesca, PhD, Professor da UFC